

AGOSTINHO NETO EM TRANÇADO DE BRASILEIRAS VOZES

*Laura Cavalcante Padilha**

RESUMO

O texto propõe construir um diálogo intertextual entre Agostinho Neto, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade e analisar a relação transdiscursiva que reitera a existência de uma aproximação literária entre Brasil e Angola nos anos 40 e 50 do último século.

Palavras-chave: Diálogo intertextual; Transdiscursividade; Travessia; Diálogo literário.

Direi sim
em qualquer poema.
(Agostinho Neto)

Não quero mais saber do
lirismo que não é libertação.
(Manuel Bandeira)

[...] Tal uma lâmina,
o povo, meu poema, te atravessa.
(Carlos Drummond de Andrade)

As vozes líricas trazidas em forma de epígrafe se encontram em um mesmo ponto, ou seja, no olhar para o movimento do fazer poético, tanto pela afirmação, quanto pela negação. O “sim” de Neto se quer habitante de todo e qualquer poema, enquanto Bandeira reafirma sua ânsia libertária, pela recusa de modelos poéticos anteriores, e Drummond centra sua fala no povo, presença-corte a atravessar, como lâmina, seu próprio texto. Cria-se, assim, com as três vozes, uma espécie de rede transdiscursiva – aqui usando um conceito de Michel Foucault (1990)

* Universidade Federal Fluminense.

– pela qual os discursos, interagindo, se põem em relação. Por isso mesmo, as epígrafes servem como mote para começarmos esta breve travessia ou como um seu primeiro trançado.

Diversos estudiosos das literaturas africanas – Carlos Ervedosa, Salvato Trigo, Benjamin Abdala Júnior, Elisalva Madruga, dentre outros – buscam analisar o diálogo estabelecido entre a produção literária brasileira e a angolana, desde o século XIX, diálogo este que se acirra quando o processo de descolonização estética grita a força de sua urgência. Não por acaso Maurício Gomes, em 1958, clama no poema “Exortação”:

Ribeiro Couto e Manuel Bandeira
poetas do Brasil
do Brasil, nosso irmão,
disseram:
“— É preciso criar a poesia brasileira
de versos quentes, fortes como o Brasil,
sem macaquear a literatura lusíada.”
Angola grita pela minha voz
Pedindo a seus filhos nova poesia!
(*Apud* Ferreira, 1976, p. 85)

No I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa realizado em 1991, em Niterói (Universidade Federal Fluminense) – “Repensando a africanidade” – algumas das comunicações então apresentadas objetivavam surpreender a interlocução literária Brasil/África. Retomamos, neste momento, duas delas, ou seja, a de Elisalva Madruga e a de Salim Miguel.

A primeira, de Elisalva Madruga, percorreu a via que nos leva do Brasil a Angola, mostrando o que a autora chamou de “empatia” entre as duas literaturas, para, a seguir, propor um rápido balanço sobre o intercâmbio existente entre o modernismo brasileiro e o angolano. Como base comparativa, usou os poemas “Mãe Negra” de Viriato da Cruz e “Olá! Negro” de Jorge de Lima, tentando, pelo cotejo, estabelecer as aproximações e os afastamentos entre ambos.

Por sua parte, Salim Miguel, romancista e editor da antiga revista *Sul*, do grupo do mesmo nome, prestou um interessante depoimento sobre as trocas então estabelecidas entre o referido grupo de Florianópolis e escritores de outros países, de modo especial com intelectuais africanos das então colônias portuguesas. Muitos destes tiveram textos publicados na revista, além de se criar uma profícua rede de correspondência transatlântica. O conferencista enfatizou alguns nomes como os de Antônio Jacinto, Viriato da Cruz, Luandino Vieira, então José Graça, por exemplo.

Em dado momento, declara Miguel: “estávamos dando uma contribuição, ainda que modesta, para que vozes vetadas em sua terra pudessem se manifestar” (1991, p. 57). Afirma, na seqüência, a importância de se ter, então, tomado “conheci-

mento da obra de um Castro Soromenho, um Óscar Ribas, um Fernando Reis, um Agostinho Neto, um Garibaldi de Andrade” (idem). Ora, e continuamos, como a revista circulava entre os intelectuais brasileiros, permitimo-nos inferir que a literatura angolana também criou um espaço de recepção entre nós. Não há trançado possível sem a existência de vários fios, com suas não menos várias pontas.

O quadro que assim se põe explica por que queremos estabelecer uma leitura intertextual entre Neto, Bandeira e Drummond, a partir de agora. Para tanto, elegemos como principal *corpus* a edição brasileira da poesia de Neto, prefaciada por Jorge Amado, talvez um dos nomes mais fortes do nosso trançado cultural com Angola. Trata-se, justamente, do pequeno volume **Poemas de Angola**, de 1976, que, segundo o próprio Amado, originou-se da edição africana feita no Lobito pelos Cadernos Capricórnios. Quanto aos brasileiros Bandeira e Drummond, serviram de base as coletâneas **Poesia e prosa**, do primeiro (1977) e **Fazendeiro do ar e poesia até agora** (1955), do segundo, para além da primeira edição do **Itinerário da Pasárgada** de Bandeira.

A escolha da edição brasileira dos poemas de Neto não foi aleatória, pois nos interessa trabalhar sobre um texto que circulou entre nós, ainda no tempo em que vivíamos a ditadura militar iniciada em 1964. Há divergências de várias ordens entre alguns dos textos do volume e os que se registram em **Sagrada esperança** onde se encontram todos os poemas, à exceção de “Do povo buscamos a força” que não conseguimos localizar nas várias edições das obras de Neto que possuímos, a não ser na dos “Cadernos Capricórnios”. Quando das citações, colocaremos entre colchetes versos que foram suprimidos ou apontaremos a mudança da ordem de alguns outros. Demais alterações de natureza ortográfica não serão aqui, neste texto, assinaladas.

Isto posto, comecemos com a interlocução Neto/Bandeira.

Como já consabidamente trabalhado pela crítica – cf., por exemplo, a abertura de **Poesia completa e prosa**, feita por Sérgio Buarque de Holanda (1977, p. 13-25) – os textos de Bandeira mantêm, sintetizando com palavras do mesmo Holanda, “um contato assíduo com a venerável tradição lírica de Portugal” (idem, p. 13). O próprio poeta não se furta a revelar, no **Itinerário de Pasárgada**, terem sido, para além de Camões, António Nobre, Cesário Verde e Eugénio de Castro, os poetas portugueses que mais estudou (1957, p. 32). Ora, essa ritmização dos versos de Bandeira que traz soterrados traços de uma tradição lusíada, por assim dizer, deveria soar bastante familiar aos ouvidos angolanos, acostumados desde sempre a ela. De outra parte, o seu deliberado movimento de ruptura das convenções formais, a sua consciente busca da dissonância e o pacto com o verso livre teriam causado um alumbramento naqueles que também buscavam o seu “lirismo libertação”. Tudo isso, ou seja, a tensão expressional entre tradição e transgressão contribuiu para o estabelecimento dessa trama transdiscursiva que a poesia de Neto tão bem exemplifica. Basta

que se lembre “Trem de ferro” de Estrela da manhã (1936) em diálogo com “Caminho do mato” e “Comboio africano” de Agostinho:

Bandeira:

Café com pão
Café com pão
Café com pão
Virge Maria que foi isso maquinista?

[...]

Oô
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi

[...]

Que vontade
De cantar! (1977, p. 236-237)

Neto:

Caminho do mato
caminho da gente
gente cansada
Óóó – oh

[...]

Caminho do mato
Caminho do amor
do amor de Lemba
Óóó – oh

Caminho do mato
caminho das flores
flores do amor. (1976, p. 22)

e:

Um comboio
subindo de difícil vale africano
chia que chia
[lento e caricato]

Grita e grita

quem esforçou não perdeu
mas ainda não ganhou (idem, p. 23)

Para além do trabalho poético sobre esse ritmo que deliberadamente se faz dissoluto e libertário, expressando, por palavras, outras síncopes e quase partituras musicais, também o olhar de Bandeira sobre o cotidiano e suas sonoridades imagísticas deve ter atingido em cheio os atentos ouvidos e ávidos olhos daqueles cujo próprio cotidiano cultural foi percebido como uma menos valia, não constituindo matéria de poesia, embora os esforços isolados, como o de Cordeiro da Matta, por exemplo. Bandeira nos informa, em seu belo “Itinerário”, ter sido a sua vivência pessoal no morro do Curvelo, no Rio de Janeiro, onde morou por muitos anos, o fato que possibilitou que o cotidiano se fizesse um dos elementos de força de sua poesia. Diz ele:

A Rua do Curvelo ensinou-me muitas coisas [...] o elemento de humilde cotidiano que começou desde então a se fazer sentir em minha poesia não resultava de nenhuma intenção modernista [...] Não sei se exagero dizendo que foi na Rua do Curvelo que reaprendi os caminhos da infância. (1957, p. 56-57)

Há uma espécie de encenação, na poesia de Bandeira, dessas falas das ruas, com cantigas e pregões, o que também deve ter atravessado o imaginário de seus colegas e leitores africanos de modo geral, criando, pela recepção, uma sorte de reconhecimento afetivo. Ao invés das antigas imagens das europeias e cosmopolitas cidades – mesmo que às vezes nem tão cosmopolitas assim – com suas “gentes estranhas com seus olhos cheios de outros mundos”, como diz o verso de Noémia de Sousa (2001), o que o poema de Bandeira e os de outros modernistas trazem são as ruas “colonizadas”, com seu ar provinciano; os seus sujeitos subalternos, formando um novo conjunto de imagens palatáveis e facilmente reconhecíveis. A força do poético transforma o comum em próprio, tornando memorável o “local da cultura”, pensando com Homi Bhabha (1998), local este que passa a ter um efetivo e outro protagonismo, como se dá com “Quitandeira” de Neto:

A quitanda
 Muito sol
 a quitandeira à sombra
 da mulemba
 [...]

 A quitandeira
 que vende fruta
 vende-se:
 — Minha senhora
 Laranja, laranjinha boa! (1976, p. 43)

Tais versos estabelecem uma espécie de elo ou eco temático-expressional com “Meninos carvoeiros” de Bandeira, por exemplo:

Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
— Eh, carvoero!
E vão tocando os animais com um relho enorme.
[...]
— Eh, carvoero!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados. (1977, p. 192)

Em recente comunicação apresentada no Encontro da Associação Internacional de Lusitanistas (Brown, 2002), Ettore Finazzi-Agrò, falando sobre “A cidade da memória em Carlos Drummond de Andrade”, em texto chamado “Obliviscitur”, afirma algo que podemos estender para outras cidades e/ou ruas de universos culturais assinalados pelo processo colonizatório. Neles visceja uma toponímia muito própria, nascida do cruzamento com outras línguas, a reforçar a existência de outras cumplicidades históricas. Diz Agrò:

O mapa cultural do Brasil é constelado por nomes assim: nomes como Capiberibe, tão colado ao lugar, tão carinhoso com ele ao ponto de ter a licença de mudar, visto que ele *não diz* nem *esconde* mas *indica*, mostra apenas o lugar como um dêitico, suspendendo-o na latência afetuosa e infantil do seu significado. (2002, fl. 1, texto policopiado)

Tal se dá com nomes assinalados na poesia de Neto, nessa geografia construída com os rios e montes do afeto lírico e que vai criando, voltando a pensar com Homi Bhabha, novos protagonismos literários e outras não menos novas inscrições:

Gostava de estar sentado
num banco do Kinaxixi
às seis horas duma tarde muito quente
e ficar... (1976, p. 20)

Tal se dá, do mesmo modo, com a Itabira de Drummond, tão bem lida por Agrò no texto anteriormente citado, ou ainda com os oito pontos assinalados pela luz que emana da “Lanterna mágica” do poeta: Belo Horizonte; Sabará; Caeté; Itabira – mais uma vez; São João del Rei; Nova Friburgo; Rio de Janeiro e Bahia. Citamos “Caeté”:

A igreja de costas para o trem.
Nuvens que são cabeças de santo.
Casas torcidas.
E a longa voz que sobe
que sobe do morro
que sobe... (1955, p. 21)

Talvez seja pela consciência da diferença desse mapa sociocultural, em que muita coisa está tão torcida como as casas de Caeté, que Drummond produza um outro Hino Nacional, em **Brejo das almas** (1934), que assim inicia seus acordes finamente irônicos:

Precisamos descobrir o Brasil
Escondido atrás das florestas,
com a água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
Precisamos colonizar o Brasil. (idem, p. 99)

Neto também ecoa esse desejo de um outro tipo de descoberta, tentando despertar as novas consciências históricas. Suas palavras se fazem igualmente uma espécie de hino, só que desaparecida a ironia que se deixa substituir pela esperança utópica e por uma espécie de certeza na própria força, quase íamos dizendo messiânica, do chamamento poético:

Criar, criar
sobre a profanação da floresta
sobre a fortaleza impúdica do chicote
criar sobre o perfume de troncos serrados
criar
criar com os olhos secos. (1976, p. 30)

A criação do poeta se transforma na força de onde emana a sua grande “Aspiração”:

O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas. (idem, p. 33)

Parece-nos que tanto Drummond quanto Neto, em seus momentos e espaços históricos, buscam o que Antoinette Campagnon chama de primeiro paradoxo da modernidade, qual seja, o “prestígio do novo” (1996, p. 15 e seg.). Combina-se, a exemplo do que Baudelaire vê em Guys [...] instante e totalidade [...] movimento [...] e forma [...] modernidade e memória (1996, p. 24-5). Advém daí a busca de um novo pacto histórico-social que acaba por cruzar os discursos dos poetas brasileiro e angolano, transversalizando-os.

Ambos não aceitam as limitações, o abate dos sonhos, a teia das impossibilidades e das negações e rasuras que a pedagógica história e práxis da opressão fizeram abater-se sobre os homens. Os dois insistem em encenar o “sentimento do mundo”, buscando que os homens “se reconheçam”, como bem explicita Marlene de Castro Correia, a propósito da poesia de Drummond:

Serve assim a poesia para dar expressão artisticamente convincente a idéias, sensações e sentimentos enquanto virtualidades do Homem – nas quais todos “se reconheçam” (cf. “Canção amiga”, NP). De vivências individuais, o poeta decanta os signos da própria condição humana. (2002, p. 13)

Nasce dessa “decantação”, uma espécie de fé na vida, não obstante todo o pessimismo que às vezes se pode notar em Drummond, fé que o faz reiterar “Mas viveremos” e que leva Neto a também insistir na força de sua “Confiança”:

Drummond:

Hoje quedamos sós. Em toda parte
somos muitos e sós. Eu, como os outros.
Já não sei vossos nomes nem vos olho
na boca, onde a palavra se calou.

[...]

Mas viveremos. A dor foi esquecida
nos combates de rua, entre destroços.
Toda melancolia dissipou-se
em sol, em sangue, em vozes de protesto.

[...]

Ele caminhará nas avenidas
entrará nas casas, abolirá os mortos.
Ele viaja sempre, esse navio
essa rosa, esse canto, essa palavra. (1955, p. 345-346)

Neto:

O oceano separou-se de mim
enquanto me fui esquecendo nos séculos
e eis-me presente
reunindo em mim o espaço
condensando o tempo.

[...]

E do drama intenso
duma vida imensa e útil
resultou certeza:

As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão! (1976, p. 25)

Há, assim, unindo os dois poetas o que a mesma Marlene de Castro Correia chama de “eufórica aspiração utópica” (2002, p. 170) pela qual se constrói “para a poesia um espaço de liberdade, onde se canta em rebeldia a um mundo [...] onde convivem todos os opostos” (idem, p. 159). Essa rebeldia e a certeza de um tempo

melhor parecem unir Neto e Drummond, embora este sempre mais irônico e desencantado. O que os une também, como a Bandeira, é a “Procura da poesia” que pode funcionar de modo distinto, em meio a sangue e guerra, ou na ausência do desespero e na certeza de que ele, o poema, se realizará, como ensina Drummond, “com seu poder de palavra /e seu poder de silêncio” (1955, p. 213).

Como a homenagem é para Agostinho Neto, cujos poemas, no dizer de Jorge Amado, prefaciador da edição, “aí estão, belos, profundos, africanos, poemas de guerra de um homem que ama a paz” (1976, p. 10), apetece-nos fechar esta fala com a própria apetência de Neto “de escrever um poema”,

Um poema que não sejam letras
 mas sangue vivo,
 em artérias pulsáteis dum universo matemático
 e sejam astros cintilantes
 para calmas noites
 de invernos chuvosos e frios
 e seja lume para acolher gazelas
 que pastam inseguras
 nos acolhedores campos da imensa vida:
 amizade para corações odientos
 motor impelindo o impossível
 para a realidade das horas;
 cântico harmonioso para formosura dos homens. (1976, p. 36)

Tanto Neto, como Bandeira e Drummond parecem reconhecer, no trançado de suas vozes, que, como diz este último poeta,

Não há criação nem morte perante a poesia.

ABSTRACT

A proposal to establish an inter textual dialogue between Agostinho Neto, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade aiming at establishing a trans-discursive net that reiterates the existence of a literary conversation between Brazil and Angola in the 40s and 50s of the last century.

Key words: Intertextual dialogue; Trans-discursiveness; Crossing; Literary dialogue.

Referências bibliográficas

- ABDALA JR., Benjamim. **Literatura, história e política**. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Fazendeiro do ar e poesia até agora**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955.
- BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.
- BANDEIRA, Manuel. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- CORREIA, Marlene de Castro. **Drummond: a magia lúcida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, s/d.
- FERREIRA, Manuel (Org.). **No reino de Caliban**. Lisboa: Seara Nova, 1976. v. II.
- FOUCAULT, Michel. **Que es un autor?** 2. ed. México: Universidade Autonoma de Tlaxcala/La Letra, 1990.
- MADRUGA, Elisalva. A presença da literatura brasileira em Angola. In: PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). **I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: repensando a africanidade**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1991. p. 233-242.
- NETO, Agostinho. **Poemas de Angola**. Rio de Janeiro: Codecri, 1976.
- SALIM, Miguel. Intercâmbio: Memórias. In: PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). **Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: repensando a africanidade**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1991. p. 53-61.
- SOUSA, Noémia. **Sangue negro**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2001.
- TRIGO, Salvato. **Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira**. Lisboa: Vega, s/d.